

# O QUE HÁ POR TRÁS DE “JUMPING MONKEY HILL”? ANÁLISE DO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Leandro Lopes Soares (Mestrando em Letras pela UERN)

Cássia da Silva (Doutoranda em Letras pela UERN)

Aluizio Lendl (Doutor em Letras pela UERN)

## RESUMO

O presente estudo versa sobre a literatura de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora africana da Nigéria. Especificamente analisa o conto “Jumping Monkey Hill”, do livro *No seu pescoço* (2017). Os temas abordados são racismo, feminismo e patriarcado, mediados pelo processo de escrita da própria literatura. Césaire (1978), Fanon (2008), Saffioti (2015), entre outros, compõem a teoria utilizada para fundamentação das discussões. Consta-se que a escrita da autora em estudo é de militância a favor das minorias, principalmente da mulher negra.

**Palavras-chave:** Literatura Africana. Racismo. Patriarcado. Feminismo. Chimamanda Ngozi Adichie.

## ABSTRACT

The present study deals with the literature of Chimamanda Ngozi Adichie, African writer from Nigeria. Specifically analyzes the tale “Jumping Monkey Hill” from the book *On Your Neck* (2017). The topics covered are racism, feminism and patriarchy, mediated by the writing process of the literature itself. Césaire (1978), Fanon (2008), Saffioti (2015), among others, make up the theory used to substantiate the discussions. It is noted that the writing of the author under study is militant in favor of minorities, especially black women.

**Keywords:** African Literature, Racism, Patriarchate, Feminism, Chimamanda Ngozi Adichie.

## INTRODUÇÃO

A arte é um campo de produção que tem a vivência humana como principal matéria prima. Representar a vida de uma forma artística, por vezes potencializando suas ações, é o enleio motivador pelo qual a ideia subjetiva ganha estrutura e materialização. Há uma relação entre a arte e o mundo, e o fio condutor dessa interação é a inspiração do artista. Jean-Paul Sartre já dizia que “um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo” (SARTRE, 2004, p. 34).

Em se tratando da arte literária, as palavras de Sartre vão ao encontro das do crítico brasileiro Antonio Candido, mais precisamente com a segunda das três fases apontadas por ele para distinguir a complexidade do fenômeno literário. Para ele, “ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Nesse sentido, a literatura estabelece uma relação bem próxima com a realidade, o que justifica seu aspecto social. Não que seja função da literatura representar a sociedade tal qual ela se apresenta diante dos indivíduos, mas através dela é possível haver um entendimento do indivíduo consigo mesmo e com a mácula dos sistemas sociais com os quais este estabelece interações. Dessa forma, pela literatura presencia-se narrativas em que é nítida a manifestação do patriarcado, da diferença entre os gêneros, preconceito contra a preferência sexual, racismo etc.

O fenômeno literário ascendeu de diferentes formas em vários países. Entre estes são destaque a França, onde os principais movimentos artísticos deram seus passos originários; Portugal, com sua influência nas primeiras obras brasileiras, e África, país cuja cultura foi durante muito tempo ocultada e hoje é centro de discussão e estudos nos mais diversos meios de produção de conhecimento. O que antes era ofuscado pelas culturas consideradas de elite, hoje é divulgado e propagado através das universidades, da música, do cinema e da literatura. Esta, por sua vez, é diversificada, apresentando distinções entre os países africanos.

Em se tratando de literatura, a África possui um elenco de escritores renomados, cujas obras mesclam as temáticas recorrentes neste continente com uma maestria encantadora. Nomes como Chinua Achebe, Nadine Gordimer, Mia Couto, Ondjaki, entre outros, atraem olhares do mundo para a África. Um país africano que tem se destacado é a Nigéria, pátria

de Chigozie Obioma, Helon Habila, do mestre Wole Soyinka<sup>1</sup>, e da principal representante da literatura nigeriana na contemporaneidade, Chimamanda Ngozi Adichie.

O objetivo deste estudo é discutir sobre a relação entre literatura africana e sociedade através de um conto de Adichie intitulado “Jumping Monkey Hill”. Pretende-se ainda discorrer sobre as imagens do texto que possibilitam uma abertura para discussões sobre racismo, feminismo e patriarcado, além do próprio processo de escrita literária, tomando como foco central a mulher negra.

Diante desses pressupostos, um questionamento pode ser levantado: de que maneira a escrita adichiana retrata a vivência em África sob um ponto de vista literário e social através de suas personagens, neste caso específico, da mulher negra? Para responder a esta indagação, a análise será pautada nos fundamentos teóricos de Césaire (1978), Fanon (2008), Spivak (2010), Saffioti (2015), entre outros. A partir destes autores a problemática social enfrentada pelas minorias africanas será discutida.

Para possibilitar uma melhor compreensão das análises, bem como o alcance dos objetivos almejados, o presente estudo divide-se em duas partes: a primeira trata, brevemente, da literatura de Chimamanda Ngozi Adichie e das teorias que abordam os temas presentes em sua obra. Nela, o enfoque recai principalmente em pesquisas sobre o preconceito em relação à cor da pele, as conquistas do movimento feminista e as características que fundamentam o sistema patriarcal. A segunda corresponde à análise de “Jumping Monkey Hill”, conto da autora supracitada, presente no livro *No seu pescoço* (2017). Nessa parte destacam-se os trechos em que é possível perceber a realidade social vivida pelos personagens africanos e como a literatura pode ser um instrumento de desnudamento da vivência humana.

## CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E A TEORIA ENVOLTA DOS TEMAS DE SUA OBRA

Chimamanda Ngozi Adichie é um os principais nomes da literatura nigeriana na atualidade (Cf. CASSILHAS, 2016). Mais que isso, é representante da autoria feminina africana e das lutas em prol do feminismo. Ela se declara feminista e essa auto-afirmação enquanto militante a favor das mulheres e da igualdade entre os gêneros pode ser percebida

---

<sup>1</sup> Wole Soyinka é um consagrado escritor nigeriano vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 1986. Autor de diversas obras, seu primeiro romance foi *The interpreters*.

[321] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “O que há por trás de ‘Jumping Monkey Hill?’...”, p. 318 - 331. ISSN 18092586

em toda a sua obra, assim como em suas palestras/conferências ministradas ao redor do mundo.

*Ibisco roxo* (2003) é o seu primeiro romance, seguido por *Meio sol amarelo* (2006) e *Americanah* (2013). Em 2009 lança o livro de contos *The thing around your neck* e em 2017 a obra é traduzida para o português com o título *No seu pescoço*. Composta por doze contos, as temáticas dos textos variam desde a condição da mulher africana, do sonho de migrar para os Estados Unidos, machismo, racismo, entre outros, de forma a retratar a diversidade cultural africana e os problemas enfrentados por quem nasce nesse continente.

África é um continente rico em diversidade e com uma beleza cultural que, ao mesmo tempo em que encanta, também incomoda. Um povo cuja história foi construída pela interferência de países europeus e americanos, onde a colonização foi das mais severas. Impedido de construir sua história, o povo africano foi obrigado a construir a história de outros países, trabalhando como escravos e sendo menosprezados pela cor da sua pele, situação existente até hoje e com uma frequência significativa em diferentes sociedades, como mostra o excerto a seguir:

Uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas. Dizer que, por exemplo, que o norte da França é mais racista do que o sul, que o racismo é obra de subalternos, o que, por conseguinte, não compromete de modo algum a elite, que a França é o país menos racista do mundo, é do feitio de homens incapazes de pensar corretamente (FANON, 2008, p. 85).

Desse modo, enxergar o racismo como menos recorrente em alguns países, ou mais em outros, não diminui a gravidade do problema. Ao contrário, mascara. Nesse sentido, o racismo não é obra de subalternos, como salienta o próprio Fanon, mas, é das pessoas que são vítimas desse tipo de crime que o desejo por mudanças surge como força motivadora para a luta, podendo, com isso, chegar até a elite e mudar sua maneira de pensar. Portanto, a necessidade de se debater sobre o tema é urgente, pois sua propagação alimenta um comportamento que não pode mais ser aceito nos dias de hoje.

No caso da mulher, as diferenças são mais agravantes por dois motivos: 1) pelo fato dela ser mulher e, por conta disso, ser considerada inferior aos homens segundo o pensamento instituído pelo sistema patriarcal; e 2) por outros fatores que somados a essa ideia de superioridade masculina, contribuem para a submissão feminina, tais como a cor da pele, a atração sexual, condição social, entre outros. Há uma ideia de posse do homem em

relação à mulher, principalmente no que tange ao acesso sexual e a divisão social entre os gêneros, ideia essa um dos princípios básicos que sustentam o patriarcado.

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original.[...] O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de ‘lei do direito sexual masculino’. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado (PATEMAN, 1993 *apud* SAFFIOTTI, 2015, p. 56-57).

Ainda presente nos dias de hoje, esse pensamento motivou um grupo de mulheres, inicialmente pequeno, a criar um movimento pela luta de igualdade de gêneros e pela valorização feminina, que ficou conhecido em todo o mundo como feminismo. Aos poucos esse movimento foi ganhando visibilidade e mais adeptas, atingindo também outras minorias políticas incentivando-as a lutarem também por seus direitos. Mais que uma luta por igualdade de direitos, o feminismo é um grito pelo respeito à liberdade, para que a mulher possa ser o que quiser, livre de qualquer tipo de preconceito.

O feminismo teve um papel fundamental para questionar as relações de opressão e anunciar novas possibilidades. É uma radicalização da proposta de autonomia, liberdade, auto-determinação e emancipação humana. Ao longo do século XX, as mulheres conquistaram vários direitos como frutos de sua luta organizada em várias partes do mundo, embora isso tenha se dado de forma extremamente desigual segundo o contexto de cada país (CEREGATTI, *et al*, 2015, p. 10).

Nessa perspectiva tem-se uma ideia do quanto a luta pela ascensão feminina, ou, em uma escala mais abrangente, como enfatiza a autora da citação anterior, pela “emancipação humana”, obteve resultados visíveis e positivos desde o século XX. No entanto, isso não seguiu um padrão igualitário, resultando em divergências, considerando a realidade vivida em cada país.

No Brasil, as conquistas femininas alcançaram diferentes patamares sociais, podendo a mulher trabalhar em cargos antes considerados exclusivamente masculinos. No entanto, mesmo com essa equiparação de cargos empregatícios, ainda é comum o salário da mulher ser menor que o do homem. Em África, como poderá ser visto no conto a ser analisado na

segunda parte deste estudo, a realidade feminina é bem mais problemática. Quando esta almeja uma carreira profissional bem-sucedida, é comum vivenciar situações onde é vítima de algum tipo de violência, simbólica ou física, resultante do sistema patriarcal. Além disso, e neste caso não só em África, mas em diversos países, a mulher negra costuma ser associada ao estereótipo de ser “boa de cama”, para usar uma expressão popular.

Toda esta exposição teórica realizada até aqui, focada principalmente no racismo, no patriarcado e no feminismo, e introduzida pelas considerações acerca da literatura de Chimamanda Ngozi Adichie, tem o propósito de chamar a atenção para o fato da obra adichiana ser composta por narrativas em que essas temáticas (e outras mais) são bastante recorrentes. Ademais, para destacar a importância da literatura na luta contra esses problemas sociais. Dito isto, adiante com o estudo.

## “JUMPING MONKEY HILL” E O DESMASCARAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA LITERATURA

“Jumping Monkey Hill” é um dos doze contos que compõem o livro *No seu pescoço*, lançado no Brasil em 2017. A narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie é protagonizada por Ujunwa, uma mulher nigeriana que foi selecionada, juntamente com um grupo de jovens escritores para participar de um *Workshop* para Escritores Africanos cujo objetivo é a escrita literária de contos que serão publicados no *Oratory*. São selecionadas pessoas de diferentes países e com distintas personalidades, para passarem duas semanas em um *resort*. O local escolhido para este evento é *Jumping Monkey Hill*, lugar frequentado predominantemente por brancos.

O idealizador do *Workshop* é Edward Campbel, um inglês e amante da literatura, que se julga conhecedor de África melhor que os próprios africanos. Um personagem forte e intrigante que faz um bom uso da linguagem para defender seu ponto de vista e tem um papel fundamental para o desenvolvimento da narrativa e o desencadeamento dos conflitos que culminam em cenas que explicitam o machismo, racismo, patriarcado e outras problemáticas sociais. Além disso, a literatura é posta em debate e o fazer literário com todo o seu processo criativo dá margem para todos os acontecimentos, adquirindo, com isso, destaque na narrativa adichiana.

A história é centrada na personagem Ujunwa Ogundu, uma mulher nigeriana com características atraentes que tem, desde a infância, uma paixão pela literatura, chegando a

querer estudá-la. Isso não acontece por imposição dos seus pais que alimentavam outras expectativas profissionais para a filha. Além dela, outros personagens compõem o cenário narrativo, não sendo nomeados, apenas referidos por seus adjetivos pátrios. Os únicos personagens nomeados são Ujunwa, Edward e sua esposa Isabel. Os demais personagens eram apresentados por Edward da seguinte maneira:

apontou para cada pessoa e fez as apresentações. A sul-africana branca era de Durban, mas o sul-africano negro vinha de Johannesburgo. O tanzaniano era de Arusha, o ugandês de Entebbe, a zimbabuense de Bulawayo, o queniano de Nairóbi e a senegalesa que, aos vinte e três anos, era a mais jovem ali, viera de Paris, onde fazia faculdade (ADICHIE, 2017, p. 107).

Percebe-se, com isso, a diversidade pátria dos participantes do Workshop, estendendo-se também à África. Ujunwa, por sua vez, era nigeriana. Em toda a narrativa é marcante a presença da literatura e as inquietudes do processo de escrita literária. Como dito anteriormente, os participantes do *Workshop* têm duas semanas para produzirem um conto, as quais a primeira semana é reservada para a escrita e a segunda para a leitura e revisão dos textos. Cada um deles tenta escrever uma história que represente a África, mas a única que aparece transcrita no texto é a da protagonista. O conto alterna entre a “realidade” de *Jumping Monkey Hill* e a ficção escrita por Ujunwa.

Na narrativa da personagem, a protagonista é Chioma, uma economista formada pela Universidade de Nsuka que vive com a mãe em Lagos. À procura de emprego, envia vários currículos para diferentes empresas, mas não obtém sucesso. Nas entrevistas em que participa não é contratada por não se enquadrar no perfil exigido pelo contratante, nesse caso, por motivos vivenciados por milhares de pessoas. Em uma delas: “Após as primeiras perguntas, o homem diz que vai contratá-la, e então atravessa a sala, se posta atrás de Chioma e passa os braços sobre os ombros dela para apertar seus seios. ‘Seu idiota! Dê-se ao respeito!’, diz ela, entredentes e vai embora” (ADICHIE, 2017, p. 110).

Com o passar dos dias, os contos vão sendo escritos e os participantes do *Workshop* se conhecendo. Nos momentos em que não estão ocupados com a produção se encontram para conversar sobre suas vidas e tomar vinho. Nesses encontros muitos acontecimentos importantes para o entendimento do texto são narrados e, através deles, a proposta de Chimamanda de representar os problemas sociais enfrentados pelas minorias. Num trecho

do conto é notória a insatisfação de um dos personagens, o sul-africano negro, ao tomar conhecimento das preferências sexuais de uma de suas colegas, a senegalesa.

A senegalesa revelou que seu conto na verdade era sua própria história, sobre como lamentou a morte da namorada e como seu luto lhe dera coragem para sair do armário para os pais, embora agora eles tratassem o fato de ela ser lésbica como se fosse uma piada leve e continuassem a falar das famílias de rapazes que eram bons partidos. O sul-africano negro pareceu alarmado ao ouvir a palavra “lésbica”. Ele se levantou e foi embora (ADICHIE, 2017, p. 112-113).

Um aspecto se sobressai nesse trecho, carecendo, portanto, de considerações. Há, obviamente, o preconceito contra a preferência sexual da senegalesa, o fato dela gostar de mulheres; no entanto, não é apenas essa a questão. Analisando mais atentamente este excerto percebe-se que um homem sul-africano e negro sai de um ambiente ao descobrir que uma mulher, também negra, é lésbica. Dito de outra forma, uma minoria que passa pelo mesmo problema, no caso dele com relação à cor da sua pele, age da mesma forma que os considerados superiores, com outra minoria, uma mulher negra e lésbica.

Essa situação também é vivenciada por outros personagens quando em contato com os hóspedes de *Jumping Monkey Hill*, a maioria, brancos. Considerando os fatos históricos do processo de colonização dos africanos e de suas consequências, a diferença da cor da pele ainda é um fator condicionante das relações humanas. “E aí está a grande censura que dirijo ao pseudo-humanismo: o ter, por tempo excessivo, apoucado os direitos do homem, o ter tido e ainda ter deles uma concepção estreita e parcelar, parcial e faccionista e, bem-feitas as contas, sordidamente racista” (CÉSAIRE, 1978, p. 18).

No bar, ela tomou uma taça de vinho e escutou os outros conversarem sobre como os outros hóspedes de *Jumping Monkey Hill* – todos brancos – olhavam desconfiados para os participantes. O queniano contou que, no dia anterior, um casal bem jovem tinha parado e se detido um pouco ao vê-lo aproximando-se no caminho que vinha da piscina. A sul-africana disse que recebia olhares desconfiados também, por só usar cafetãs estampados (ADICHIE, 2017, p. 118).

À medida que o conto da autora avança, o conto da história ganha corpo e a partir dele a força de sua temática. Depois da frustrante entrevista de emprego, Chioma vai à outra, também sem sucesso. Foi dispensada com a justificativa de que a empresa queria alguém formado em outro país. Não tendo a quem recorrer, a personagem procura o pai e este lhe indica para trabalhar em um banco. Na entrevista, toma ciência da intenção do Merchant

Trust em contratá-la para trabalhar com marketing juntamente com Ynka. Como teste, as duas mulheres saem com o objetivo de conseguir clientes dispostos a abrirem contas no banco no valor de dez milhões de nairas. O primeiro possível cliente que procuram é um *hadji*<sup>2</sup> residente em Ikoyi<sup>3</sup>.

Ele olha para Chioma. “Essa aqui é uma beleza”, diz. Um mordomo serve taças geladas com coquetel capman. O *hadji* fala com Ynka, mas olha com frequência para Chioma. Então, ele pede que Ynka se aproxime e explique como funciona a poupança de juros altos, e depois pede que ela sente no seu colo, perguntando se não acha que ele é forte o suficiente para aguentar seu peso. Ynka diz é claro que é, e senta em seu colo, com um sorriso sereno (ADICHIE, 2017, p. 114).

Situação semelhante é vivida por Ujunwa quando, num momento de delicadeza, oferece seu lugar para Edward sentar. “Quer que eu levante para você, Edward?” (ADICHIE, 2017, p. 116). A resposta: “Gostaria que você se deitasse para mim’. [...] Edward sorria. Só o ugandês e o tanzaniano tinham escutado. Então o ugandês riu. E Ujunwa riu, porque era engraçado e espirituoso, ela disse a si mesma, se você parasse para pensar” (ADICHIE, 2017, p. 116). Só depois ela percebe que esse tipo de comentário não foi nenhum pouco engraçado.

Ficção e realidade se misturam. No conto de Ujunwa, a mulher (Ynka) se sujeita ao assédio masculino para conseguir convencê-lo a abrir uma conta no banco para o qual trabalha. No conto de Chimamanda, a mulher é assediada verbalmente e acha isso engraçado. Nos dois casos é nítida a configuração do patriarcado, onde o homem enxerga a mulher como um objeto, acreditando deter algum tipo de poder sobre ela.

“Jumping Monkey Hill” é um conto cuja narrativa trata de uma mulher participante de um *Workshop* para Escritores Africanos, com a tarefa de criar um texto para ser publicado no *Oratory*. Essa personagem feminina escreve outra narrativa protagonizada por outra mulher à procura de um emprego. Há algo em comum entre essas duas histórias? Mais do que se imagina. Através delas evidencia-se uma temática presente em todo texto, e que por vezes passa despercebida: o processo de escrita literária. Por se tratar de uma narrativa que fala da própria literatura, o conto adichiano é uma metaliteratura, pois esta,

---

<sup>2</sup> *Hadji* é o nome dado a um muçulmano que peregrinou até Meca, uma cidade santa da religião muçulmana em que é exigida de seus fiéis, quando possível, a realização desse percurso ao menos na vida. Informações disponíveis em <<https://googleweblight.com/?u=https://www.dicio.com.br/hadji/&hl=ptBR>> Acesso em 03 de maio de 2016.

<sup>3</sup> Ykoyi é uma cidade do estado de Lagos (Nigéria).

seria uma categoria “maior”, mais abrangente, dentro da qual a própria metaficção estaria inserida. Ela está relacionada à presença da literatura como tema central das narrativas, ou seja, a produção do texto não precisa ser evocada especificamente, pois é o fato da literatura falar sobre si mesma que dá a essa estratégia um caráter autorreflexivo (SOUZA, 2012, p. 171-172).

Partindo dessa premissa, a literatura torna-se um assunto em evidência. Além disso, renomados escritores africanos são citados nas conversas dos personagens. Nomes como Dambudzo Marechera, Alan Paton, Isak Dinesen e Chinwa Achebe são introduzidos à narrativa, acompanhados dos comentários críticos de cada personagem sobre as obras desses autores. O fazer literário ainda está presente em outros momentos do texto.

Após a semana de escrita, tem início a fase das apresentações. O zimbabuense leu um trecho do seu texto e “Edward deu sua opinião. O estilo decerto era ambicioso, mas o conto em si levava a pergunta ‘E daí?’” (ADICHIE, 2017, p. 117). Em seguida foi a vez da senegalesa e o idealizador do *Workshop* “mastigou o cachimbo, pensativo, antes de dizer que histórias homossexuais daquele tipo não refletiam a África de fato” (ADICHIE, 2017, p. 117). Até que enfim, Ujunwa lê sua produção. Nela, o *hadji* aceita negociar com o banco com a condição de que Chioma seja seu contato pessoal. Ela, no entanto,

Vira-se para a porta, abre, sai sentindo o sol forte, e passa pelo jipe, no qual está o motorista com a porta escancarada, escutando rádio. “Dona? Dona? Aconteceu alguma coisa?”, pergunta ele. Ela não responde. Anda, anda, passando pelo portão alto e chegando à rua, onde entra num táxi e vai para a agência, pegar os poucos objetos que deixara em sua mesa (ADICHIE, 2017, p. 121).

Como se vê a personagem não aceita a condição imposta pelo possível cliente do banco, abandonando aquele espaço e conseqüentemente sua oportunidade de emprego. Edward, após ouvir atentamente o texto de Ujunwa, mais uma vez tenta velar os problemas enfrentados pelas minorias em África. Para o personagem: “Nunca é exatamente assim na vida real, não é? As mulheres nunca são vítimas dessa maneira tão grosseira, e certamente não na Nigéria. A Nigéria tem mulheres em posição de poder. A ministra mais importante do gabinete é mulher” (ADICHIE, 2017, p. 123). Neste momento da análise é oportuno recorrer a Spivak e sua tão expressiva indagação, também título de um de seus mais famosos livros: *Pode o subalterno falar?* (2010).

Ao refletir sobre a história das mulheres e da imolação das viúvas, Spivak aborda o lugar intrincado e inquietante ocupado pelas mulheres no contexto pós-colonial. E mais, ao relatar a história de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar e, logo, não pode “falar” fora do contexto patriarcal e pós-colonial, Spivak exemplifica seu argumento de que o subalterno, nesse caso especial, a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir. É, principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual (ALMEIDA, 2010 *apud* SPIVAK, 2010, p. 15).

Nesse sentido, Chimamanda atende ao “apelo final” de Spivak quando, de sua posição de intelectual e de escritora, representa as mulheres e minorias através da literatura. Spivak (2010, p. 19) pergunta: “Pode o subalterno falar?”. E Ujunwa: “Mas por que não dizemos nada?” (ADICHIE, 2017, p. 121). A mulher, o negro, o homossexual, ou qualquer outra minoria, ou todas essas numa pessoa só, oprimidos por uma elite que se considera superior e por esse motivo menospreza outros seres humanos. Pode o subalterno falar? “‘O conto inteiro não é plausível’, disse Edward. ‘Isso é literatura ideológica, não é uma história real sobre gente de verdade’” (ADICHIE, 2017, p. 124). Pode o subalterno falar? “Por que nós nunca dizemos nada?” (ADICHIE, 2017, p. 121).

Não sei, mas afirmo que aquele que procurar nos meus olhos algo que não seja uma interrogação permanente, deverá perder a visão: nem reconhecimento nem ódio. E se dou um grande grito, ele não será nada negro. Não, na perspectiva adotada aqui, não existe problema negro. Ou pelo menos, se existe, os brancos não se interessam por ele senão por acaso. É uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transmutante que trago comigo clareie os mínimos recantos (FANON, 2008, p. 43).

Mais que isso, não existe problema algum enfrentado por qualquer minoria política. O colonizador, o opressor, o machista, o racista, o homofóbico, a elite, mascaram a realidade com um discurso que tenta introduzir no psicológico dos indivíduos que não existem diferenças nem problemas na sociedade. Nesse sentido, a literatura atua como um importante mecanismo de resistência, desnudando a realidade enfrentada por milhões de indivíduos comuns, em todos os lugares do mundo.

Após a leitura do seu texto e dos comentários de Edward, Ujunwa responde a altura:

Os participantes olharam para ela, atônitos. Ujunwa riu, riu, riu, enquanto eles olhavam. Afinal, ela pegou seus papéis. “Uma história real sobre gente de verdade?”, repetiu, encarando Edward. “A única coisa que eu não acrescentei à história foi que, depois que eu deixei minha colega e saí da casa do *hadji*, entrei no jipe e insisti para que o motorista me levasse para casa, porque eu sabia que aquela era a última vez que ia andar nele” (ADICHIE, 2017, p. 124).

No parágrafo final do conto adichiano é revelado que a narrativa escrita por Ujunwa, na verdade é sua própria história. Pode o subalterno falar? “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de propriedades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (SPIVAK, 2010, p. 126). Acrescentamos que sim, podemos falar, mas, para isso, precisamos lutar pelo direito a voz, encontrar meios que nos possibilitem expressar as injustiças sofridas diariamente e não desistir do ideal de igualdade social para todos. O meio utilizado por Chimamanda é a literatura; através dela, Chioma, personagem do conto de Ujunwa, que por sua vez é personagem do conto de Chimamanda, fizeram emergir problemas sociais que assolam a humanidade e que precisam ser debatidos para que haja o incentivo à mudança desse déficit cultural, que não deveria existir no decorrer deste século. Vivemos todos em *Jumping Monkey Hill*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre a literatura de Chimamanda Ngozi Adichie trouxe à tona uma análise do conto “Jumping Monkey Hill”, do livro *No seu pescoço* (2017). Os temas abordados foram o racismo, o feminismo e o patriarcado, num contexto de metaliteratura e de mimetização literária. Quando dialogamos aqui com Césaire (1978), Fanon (2008), Saffioti (2015) é na tentativa de compreender as teorias que fundamentam discussões acerca do fazer literário em/da África ao lado de questões sociais num âmbito pós-colonial.

Na análise do conto empreendida nesse trabalho, elucidamos momentos da narrativa em que as configurações do racismo, do patriarcado e do feminismo preponderam. Porém, outros temas são abordados por Chimamanda Adichie em suas obras e precisam configurar-se como estudo crítico-literário para que novas leituras sejam mediadas por estudiosos da literatura africana e possam ocupar o espaço que merecem nas análises teóricas atuais.

A literatura adichiana, essa mesma de postura militante e engajada nos problemas sociais enfrentados pelas minorias, principalmente pelas mulheres negras, precisa estar assim: em páginas e páginas de discussão dialógica com o público leitor, abalando preconceitos, polemizando as estruturas ainda vigentes nesse nosso mundo contemporâneo, mimetizado em *Jumping Monkey Hill*.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, S. R. G. Prefácio – apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos: O Direito à Literatura**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2011.

CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli. **A interculturalidade em Half of a yellow sun, de Chimamanda Ngozi Adichie**: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira. Florianópolis, SC: UFSC, 2016. Dissertação de mestrado.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CEREGATTI, Alessandra; LOPES, Bárbara; *et al.* **Feminismo em marcha para mudar o mundo**: trajetórias, alternativas e práticas das mulheres em movimento. São Paulo: Sempre viva Organização Feminista, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Editora Ática, 2004.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Laura de Assis. Experiência, inércia e metaliteratura em Paulo Henriques Britto. **Estação Literária**, vol. 9, p. 168-180, jun. 2012.

[331] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. "O que há por trás de 'Jumping Monkey Hill?'...", p. 318 - 331. ISSN 18092586